

## Editorial

Rosimeri de Oliveira Dias

Heliana de Barros Conde Rodrigues

DOI: 10.12957/mnemosine.2020.52676

**Parte especial:** Dossiê *Formação inventiva de professores: ensaios microfísicos, pesquisa-intervenção e estudos foucaultianos.*

Desde o ano de 2009 acontece na Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) uma série de trabalhos sobre formação inventiva de professores em interface com estudos foucaultianos, pesquisa-intervenção com escolas parceiras e ensaios ético-estético-políticos. Nesta mesma perspectiva – a de historicizar e celebrar modos de trabalhar uma *formação outra* –, o presente dossiê convida a uma conversa com intercessores que também empreendem essa covizinhança.

Um certo princípio – nada “principista” ou moralizante, por sinal – move uma formação inventiva: manter vivo um campo problemático. Neste sentido, uma interrogação principal é afirmada/reafirmada neste dossiê: como não esgotar os processos formativos em didáticas apriorísticas, que reduzem a formação à ideia de ‘dar forma a’?

Contrária a tal posição – exatamente a de ‘dar forma a’ –, uma formação inventiva se coloca como *formação experiência*. Construída, entre outros dispositivos do pensar, por meio das políticas de cognição, dos estudos de produção de subjetividade, da análise institucional, da micropolítica, de uma estética da existência e da pesquisa-intervenção, uma formação inventiva habita os territórios da formação – universidade e escola básica, notadamente – para forjar modos outros de estudar, de conversar, de estar nos territórios.

Os artigos que compõem o dossiê, nesta linha, visualizam possibilidades de formar que escapem a lógicas capacitadoras e pedagogizantes, aqui entendidas como aquelas que se dão como aplicação de saberes prévios, generalizantes. Pois há, na formação inventiva, modos de agir que não convidam o pensamento ao exame, ao julgamento, à manutenção de modelos; modos que, diferentemente, forçam o pensamento a pensar e se propõem como um aprender infinito. Nesta dimensão *problematizadora*, a formação inventiva comparece, paradoxalmente, na escola e na universidade, excedendo os estados perceptivos do vivido habitual. Pode, assim, acontecer como um esforço por liberar a

vida lá onde ela é/está aprisionada, facultando deslocamentos quanto aos modelos representacionais, reféns (ou seriam carcereiros?) da vontade de verdade.

Com isso se abre um composto problemático que vibra para tecer uma *experiência*. E cumpre lembrar que para Michel Foucault, intercessor contumaz, experiência é algo de que se sai transformado. No momento de apresentação deste dossiê, não poderíamos deixar de colocar em cena a experiência presente de todos nós, por mais que também marcada por irrecusáveis diferenças: a pandemia do Covid-19. Com efeito, o isolamento social com ela imposto nos posicionou em territórios de trabalho dentro de casa: aulas, orientações, pesquisas, ou seja, encontrar e conversar, hoje ganham contorno remoto.

Mas o princípio de uma formação inventiva – manter vivo um campo problemático – permanece fundamental nestes dias de reclusão e distanciamento. Com ele, reavivamos permanentemente as seguintes perguntas: como pensar o presente?; como elementos e atores desse presente – inclusive, embora não exclusivamente, na qualidade de formadores –, o que estamos fazendo, contemporaneamente, de nossas vidas?

Se ser contemporâneo significa, como sugere Agamben, perceber no escuro do presente as linhas de visibilidade e enunciação que procuram nos alcançar e eventualmente não podem fazê-lo, vale correr o risco de afirmar que o contemporâneo é, antes de tudo, questão de coragem. Consiste em ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época – a pandemia-pandemônio que, de múltiplas maneiras, nos tem atravessado –, mas também de perceber neste escuro as subjetivações emergentes que, dirigidas a nós, distanciam-se infinitamente de nós. Ser contemporâneo é, portanto, algo que nos coloca em compromisso-tensão permanente com o tempo presente e que o transforma. Sendo assim, o sentido de contemporâneo que atravessa nossa discussão sobre formação inventiva não é aquele que se limita ao vivido do presente, mas o que, por não coincidir com este presente, nele apreende, embora de forma fugaz, as linhas de luz, de enunciação e de subjetivação capazes de deslocá-lo para/com outros tempos.

Um conceito que também habita os textos que compõem o dossiê é o de resistência. Nós o tomamos no sentido deleuziano, o que o faz escapar ao binarismo zero/um – haver, ou não, resistência – e colocar-se como a afirmação de uma diferença pela arte. Arte como aquilo que resiste, que pode fazer ver e falar, tornar visível e enunciável, fazer a obra ficar de pé sozinha. Em tal perspectiva, a ideia de contemporâneo e a de resistência funcionam a favor daquilo que força o pensamento a pensar e a operar pelo que pode inventar a vida, inclusive (ou especialmente) a vida formativa, de modos outros: invenção e constituição, portanto, de uma série múltipla de subjetividades

infinitas, dando acesso à diferença como possibilidade de alteridade, de estranhamento de si, do outro e do mundo.

Talvez, na contramão do momento atual – o qual clama por normas e direitos que, embora eventualmente progressistas, modulam relações, instituindo a fixidez das soluções definitivas que imprimem imensa imobilidade ao fazer e ao pensar –, seja possível habitar os espaços e tempos formativos fazendo deles territórios de pensamentos problematizadores, que prescindem de porta-vozes institucionais. Porque formandos e formadores decerto podem falar por si mesmos, constituindo suas próprias tessituras experienciais, resistindo e movendo a vida lá onde ela....acontece.

### **Parte geral:**

Apesar do isolamento social ou, eventualmente, em decorrência dele, continuamos a receber inúmeros artigos, no caso voltados à parte geral; particularmente, muitos artigos em que Michel Foucault comparece como ferramenta analítica de destaque. Além do mais, duas traduções integram a presente edição: a primeira, de um artigo do sociólogo francês Bruno Karsenti voltado à análise das relações entre poder e subjetivação em Michel Foucault; a segunda, de um capítulo do livro *O Estado Inconsciente*, de René Lourau, também sociólogo, também francês, mas, principalmente, “analista institucional em tempo integral”, como gostamos de chamá-lo. Embora pouco sólidas na perspectiva de uma história meramente factual, as articulações entre Foucault e Lourau nos interessam sobremaneira, principalmente num momento como o atual, em que as relações entre instituições e poder, indicadores e analisadores, parresía e análise de implicações, política e ética parecem tão fecundas para provocar o pensamento... a pensar.

Muita gente partiu num rabo de foguete nos últimos meses. Entre tantas pessoas, entre tantas “uma vida”, um carioca que soube como ninguém cantar os e as infames. Como conchas à beira-mar, fragmentos biográficos de Aldir Blanc se espalham nas páginas virtuais de *Mnemosine* e nos convocam ao aplauso – aplauso ao próprio Aldir e também àquele que bem sabe o quanto Aldir cabe bem em uma revista que se dedica à história e à memória de *uma certa* psicologia: “As práticas de vida cantam, as lógicas de morte calam”.

Obrigada, autores e pareceristas, por mais esta.

Obrigada, Simone, pelo cuidado de sempre.

Aos leitores, um novo convite à indocilidade refletida.